

“A centelha vem do campo”: o Partido Comunista do Brasil, o maoísmo e a luta revolucionária da década de 1950.

Jayme Fernandes Ribeiro

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Abstract

The political trajectory of the Brazilian Communist Party (BCP) was vary outstanding the 1950's, consolidating a change in its policy line, directing the party to an armed struggle. The aim of this paper is to analyze the resonance of Maoist thought and the Chinese Revolution of 1949 in the Brazilian Communist Party, showing how the Brazilian communists tried disseminate and implement those theses in the country.

Keywords: Brazilian Communist Party, Maoism, Armed Struggle, Peasant Movement.

A década de 1950 foi marcante na trajetória política do Partido Comunista do Brasil.¹ O referido ano consolidou uma virada radical à esquerda, que havia sido inaugurada com o *Manifesto de Janeiro de 1948*. Naquele ano, a direção partidária deu o primeiro passo em direção à uma guinada de 180 graus que nortearia formalmente toda a sua trajetória política até a *Declaração de Março de 1958*. O documento apareceu, pela primeira vez, na revista de orientação comunista *Problemas*, em seu número 8, na edição de abril. Nele, os comunistas pregavam a formação de uma frente ampla, composta por todos aqueles que queriam lutar contra o “imperialismo”, o “feudalismo” e o “latifúndio”. Pregavam ainda a instalação de um governo democrático, nacionalista e progressista.² O governo Dutra, que até então fazia parte da política de “União Nacional”, passou a ser considerado “de traição nacional a serviço do imperialismo norte-americano”.³

Importa ressaltar que a cassação do registro do Partido, em 1947, e do mandato de seus parlamentares em 1948, causou um enorme impacto sobre o PCB.

¹ Será utilizado o nome Partido Comunista do Brasil devido ao período compreendido pelo trabalho. Fundado em março de 1922, com o nome de Partido Comunista do Brasil, Seção Brasileira da Internacional Comunista, e adotando a sigla PCB, somente em agosto de 1961 o Comitê Central do partido modifica os estatutos e sua denominação, passando, assim, a utilizar o nome Partido Comunista Brasileiro, mantendo a sigla.

² CARONE, Edgar. *O P. C. B.* vol. 2, São Paulo, Difel, 1982.

³ Idem.

Além disso, a enorme perseguição policialesca, que sofrera a partir daquele momento, frustrou todas as suas expectativas de uma evolução eleitoral dentro da lei.

Dois anos e meio depois, a direção do PCB, em um documento intitulado *Manifesto de Agosto*, assinado por Luiz Carlos Prestes, consolidou uma linha política de extrema radicalidade. O momento se apresentava, segundo o dirigente comunista, como bastante oportuno para “organizar” as classes trabalhadoras e colocá-las no caminho da luta armada revolucionária, objetivando concretizar a primeira etapa da *revolução brasileira*.⁴

O objetivo do artigo é analisar as ressonâncias do pensamento maoista e da Revolução Chinesa, de 1949, no Partido Comunista do Brasil, apresentando de que forma os comunistas brasileiros procuraram divulgar e implementar aquelas teses no país.

O PCB, o Brasil e o mundo

Quando a Revolução Chinesa se tornou vitoriosa, em 1949, o Partido Comunista do Brasil atravessava um momento muito particular de sua história. A direção do PCB havia acabado de lançar o *Manifesto de Janeiro de 1948*, pondo o partido no caminho da luta armada. Em 1950, Luis Carlos Prestes consolidou a linha revolucionária, elaborando o *Manifesto de Agosto*. A partir daquele momento, o PCB passou a organizar a sua militância e mobilizar a sociedade para a tomada do poder pela via das armas.

A nova linha política era o reflexo de inúmeros acontecimentos que atravessaram o partido e o Brasil naqueles anos – final da década de 1940 e início da década de 1950. Após inúmeros debates, discussões e apelos do partido, desde 1946, acerca da legalidade de sua legenda, em 07 de maio de 1947, o Supremo Tribunal Eleitoral cassou o registro do partido e, em 12 de janeiro de 1948, os mandatos dos parlamentares comunistas foram cassados, desta vez, pelo próprio Congresso Nacional. Ao receber a notícia, a direção do partido ainda tentou argumentar com o governo e com o STE, lutando pela restauração de seu registro. É o que revela o discurso de

⁴ De acordo com as teses clássicas do PCB sobre a realidade nacional, a revolução brasileira se daria em duas etapas: a primeira seria a “democrático-burguesa”; a segunda seria a própria revolução socialista, propriamente dita.

Prestes, no dia 5 de agosto de 1947, no momento em que reassumiu sua cadeira de Senador da República, após retornar de três meses de clandestinidade. Naquele momento Prestes dizia:

Estamos prestes a colaborar com todos, inclusive com o general Dutra, caso queira realmente voltar à Constituição e à democracia e livrar a Nação do pequeno grupo reacionário de fascistas impenitentes em que hoje se apóia sua política.

Mesmo porque, unidas, as forças democráticas defenderão com facilidade a Constituição e a democracia, obrigando os reacionários a ceder. Ao general Dutra se apresentará então o dilema: ou a volta ao regime da lei, ou a renúncia para que possa surgir o governo da união nacional de que necessita a Nação.⁵

Pode-se perceber, na fala de Prestes, que ainda havia interesse de lutar pela legalidade do partido, que ainda confiava na força da democracia e apostava na tese da União Nacional⁶ como solução para o Brasil. Merece aqui lembrar que, internamente, as classes proprietárias brasileiras, assim como as Forças Armadas e a Igreja continuaram bastante hostis ao comunismo, mesmo o partido demonstrando moderação em suas ações e manifestações públicas. Contudo, durante um tempo, os comunistas continuaram firmes em sua proposta de “união nacional” e de não atacar de forma hostil o governo, que já lhe havia garantido sucesso durante os anos da guerra. Como relata Reis Filho, o partido acreditava ser necessário “manter e aprofundar a união nacional, liquidar os restos de fascismo existentes na sociedade e no Estado”.⁷ Entretanto, apesar do discurso ainda moderado, as forças democráticas no parlamento não se mostraram tão fortes (ou superiores) quanto às forças políticas conservadoras. As posições do STE e do Congresso Nacional mantiveram-se.

No Brasil, as forças políticas conservadoras saíram vitoriosas. O governo Dutra autorizou a perseguição política e policial ao PCB. Nos sindicatos, onde havia lideranças combativas ou simplesmente questionadoras das atitudes do governo, o Ministério do Trabalho interveio. Diversas entidades, que eram controladas por comunistas ou que tinham sua presença declarada, foram fechadas. De acordo com

⁵ Discurso de Prestes na tribuna do Senado, em 5 de agosto de 1947. Citado em FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988, p. 355.

⁶ A linha política de “União Nacional”, criada em 1943, estabelecia uma orientação moderada para os comunistas brasileiros. A luta parlamentar institucional, dentro dos parâmetros legais e constitucionais, definia o caminho das ações do PCB. A “união nacional” durou até o *Manifesto de Janeiro de 1948*.

⁷ REIS FILHO, Daniel Aarão. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. In: REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 5, 2002, p. 70.

Rodrigues, “o Ministério do Trabalho interveio em 143 sindicatos tidos como controlados pelos comunistas; a CTB foi fechada”.⁸

Abriu-se ao partido, naquele momento, um longo período de clandestinidade. Desde o início de 1946, mostrava-se visível, para o conjunto das forças políticas do país, a intenção do governo Dutra de fazer o PCB retornar à ilegalidade. Mesmo que a cassação do registro do partido tenha sido apenas efetivada em maio de 1947, praticamente dois meses apenas depois do lançamento da Doutrina Truman,⁹ é possível perceber que a ilegalidade do partido deve-se menos a fatores de ordem externa. É evidente que a Guerra Fria¹⁰ contribuiu para a ilegalidade do partido e para as perseguições sócio-políticas que dela resultaram. Importa ressaltar que diversas gerações foram criadas à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditavam firmemente, poderiam acontecer a qualquer momento e devastar toda a humanidade. Mesmo para aqueles que acreditavam que qualquer um dos lados não pretendia atacar o outro, era difícil ser otimista. Toda uma série de crenças e imagens povoaram o imaginário das pessoas em todo o mundo. A tônica das relações entre os governos dos Estados Unidos e da União Soviética passava por acusações mútuas, onde cada um dos lados procurava “desmascarar” o outro.

Assim, diante da posição do governo Dutra em relação ao PCB e da nova situação internacional de hostilidades mútuas entre as duas superpotências, resgatando a sua gênese revolucionária, o partido abandonou prontamente a linha anterior moderada de “união nacional” e a substituiu por uma linha mais agressiva, ultra-radical, orientada para a derrubada do governo.

⁸ RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (org.). *HGCB. O Brasil Republicano - Sociedade Política (1930-1964)*. São Paulo, Difel, 1983, vol. 3, p. 413.

⁹ A Doutrina Truman foi aquela que, segundo muitos estudiosos, inaugurou a Guerra Fria, dividindo o mundo em dois campos antagônicos: capitalismo e socialismo. Não obstante, a doutrina também possibilitou alterar as esperanças (ou ilusões) que os comunistas soviéticos – e igualmente os brasileiros – tinham a respeito do período de paz que se abriu ao mundo naquele momento. É bom lembrar que a URSS, por intermédio dos discursos de Stálin, acreditava, com desconfiança, que haveria relativamente um longo período de paz ou pelo menos mais do que o ocorrido de fato. Sobre esta questão ver RIBEIRO, Jayme Lúcio Fernandes. *Guerra e Paz: a trajetória dos comunistas brasileiros nos anos 1950*. 306 f. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

¹⁰ Merece destacar que foi em 1947, durante um debate sobre a ajuda a ser concedida à Grécia e à Turquia, no quadro da “doutrina Truman”, que Bernard Baruch empregou, pela primeira vez, a expressão “Guerra Fria”. No entanto, ela tinha sido usada para traduzir, senão um estado de relações diplomáticas, pelo menos um estado de espírito. Somente anos mais tarde, ela se tornou mais específica, a ponto de caracterizar certo estilo de relações internacionais ou, mais precisamente, um antagonismo entre potências incapazes de alcançar a paz verdadeira, mas ansiosas por não se precipitar em um conflito do tipo clássico. Para mais detalhes ver DELMAS, Claude. *Armamentos nucleares e Guerra Fria*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.

A Revolução Chinesa e o PCB

A partir da análise de um variado número de fontes, é possível perceber influências da Revolução Chinesa e do maoísmo na linha política do *Manifesto de Agosto* (1950-1958). Diversas fontes atestam o fenômeno. Documentos do partido, memórias de militantes e ações práticas do Partido Comunista do Brasil permitem verificar ressonâncias do pensamento maoísta e do episódio revolucionário chinês, de 1949, no interior do partido, na década de 1950, e na elaboração de sua linha política radical.

O universo do pensamento maoísta tem um importante eixo: o mundo rural e o movimento social dos camponeses. Algo aparentemente óbvio, se compararmos a proporção da população rural com a das cidades: cerca de 90% da população chinesa na época da revolução vivia na área rural do país. Segundo Daniel Aarão Reis Filho, seria mesmo impossível a realização de qualquer projeto social de transformação da sociedade chinesa sem a participação ativa das massas rurais. De acordo com o autor,

tanto a estratégia revolucionária da guerra camponesa prolongada (acúmulo de forças a partir das bases rurais libertadas, cerco das cidades pelo campo, força armada autônoma, adoção da metodologia da guerrilha popular), quanto o projeto de construção do socialismo (revolução ideológica, reeducação do povo pela pedagogia revolucionária, noção da atividade transformadora como um ‘serviço’, construção do homem novo), propostos pelo pensamento de Mao Zedong são regidos pelas referências camponesas e encontram sua maior concretização política e organizativa numa instituição camponesa, as Comunas Populares.¹¹

Desse modo, pode-se perceber que o maoísmo tinha, como um forte traço característico, a valorização do camponês, não apenas como ator principal da luta revolucionária do povo chinês, mas também como vanguarda no projeto de construção do socialismo. Não obstante, ainda fizeram parte do ideário da Revolução Chinesa no interior do PCB a criação da Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN), a tentativa de elaboração do Exército Popular de Libertação Nacional (EPLN) e a bandeira de luta “por um governo democrático e popular”, ambos tendo como exemplo a experiência revolucionária dos chineses.

¹¹ REIS FILHO, Daniel Aarão. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. In: REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 1, 2002, p. 111.

De acordo com o *Manifesto de Agosto*, tornava-se extremamente importante construir uma ampla política frentista, que deveria ser levada onde quer que estivesse o trabalhador brasileiro. Os militantes do partido deveriam levar à classe trabalhadora a nova orientação revolucionária do partido. A proposta de luta armada deveria deitar raízes “em todos os locais de trabalho”. Segundo o *Manifesto*,

É indispensável e urgente unir e organizar as forças do povo em amplos comitês da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL nos locais de trabalho e de resistência. Nesse grande esforço de organização e unificação popular cabe ao proletariado um papel dirigente e fundamental. Mas a classe operária precisa, simultaneamente, organizar-se e unificar suas próprias forças para que possa constituir a grande força motriz capaz de mobilizar e dirigir as demais camadas populares na grande luta pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular.¹²

7

Concomitante ao processo de divulgação do programa partidário, a direção do PCB acreditava na necessidade de organizar um exército para a efetivação da política proposta. Como a linha do partido era a da luta armada para a conquista do poder, o ideal era construir um sólido e amplo aparato militar, desejando ter em suas fileiras nada menos que elementos da própria classe trabalhadora. Os “verdadeiros democratas”, os “sinceros patriotas” e, especialmente, “o proletariado mais consciente e revolucionário” não poderiam, de maneira nenhuma, ficar de fora da luta contra as forças imperialistas, contra o latifúndio e contra os “fascistas no governo”. Dessa forma, de acordo com o ponto 9 do programa do *Manifesto de Agosto*, o partido conclamava:

POR UM EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO NACIONAL - Expulsão das forças armadas de todos os fascistas e agentes do imperialismo e imediata reintegração em suas fileiras dos militares delas afastados por motivo de sua atividade democrática e revolucionária. Livre acesso das praças de pré ao oficialato de suas respectivas corporações. Armamento geral do povo e reorganização democrática das forças armadas na luta pela libertação nacional e para a defesa da nação contra os ataques do imperialismo e de seus agentes no país.¹³

Na proposta de revolução armada do partido, a constituição de um exército era fundamental. Não se podia pensar em tomar de assalto o poder, se não tivesse, minimamente, organizado um grupo – seriam melhor vários grupos – que estivesse preparado para ações militares.

¹² PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de Agosto. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1950, pp. 1, 2 e 4.

¹³ PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de Agosto. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1950, pp. 1, 2 e 4.

Nesse sentido, a política frentista vitoriosa na China servia, então, senão de modelo, como incentivador dos ânimos, já que a China mostrara ao mundo a possibilidade de se concretizar a revolução socialista num país de base rural e pouco industrializado, de características, sob este aspecto, semelhantes às do Brasil. Segundo o ex-militante do PCB, Hércules Corrêa, é correto “pensar na influência para redigir o Manifesto”.¹⁴ Conforme a prática do ex-militante naquele período de linha política radical, “a China passaria a ser o ideal da gente”.¹⁵ Corroborando essas ideias, o militante comunista Dinarco Reis afirmou:

A realidade é que o modelo chinês do processo revolucionário, que teve sua base fundamental nas grandes rebeliões de massas camponesas e nas sucessivas guerras parciais internas e externas, empolgou seriamente vários quadros da direção central do Partido, que passaram a pretender reproduzi-lo no Brasil [...].¹⁶

O militante comunista Salomão Malina, em suas memórias, salientou:

Nos anos 50, sofreram altos e baixos as iniciativas para preparar o Partido para formas de lutas mais radicais. [...] Particularmente, o que causava mais impacto era a Revolução Chinesa, pois, de repente, mais de um bilhão de pessoas liquidou o regime que existia na China, e se propõe a criar uma sociedade socialista. E isso se deu pela via da ação militar armada.¹⁷

Durante o processo da Revolução Chinesa, sobretudo após o seu resultado vitorioso, diversos artigos e manchetes foram publicados nas páginas dos jornais comunistas. Procurando mostrar aos comunistas brasileiros que era possível realizar a revolução num país agrário e “sob forte presença imperialista”, a imprensa comunista publicava constantemente o grande feito dos revolucionários chineses. Vale lembrar que, logo no início de 1950, o jornal *Voz Operária* incluiu uma nova seção destinada a reportar notícias sobre a China e a Revolução Chinesa. Sob o título de: “O Exemplo Heróico de Wang Hsiao-Ho”,¹⁸ o periódico *Voz Operária* descrevia como, através de um exemplo, o povo chinês foi conquistando sua libertação. Conforme o artigo, o líder da União dos Trabalhadores da Energia Elétrica de Shangai fora executado em via

¹⁴ Hércules Corrêa. Entrevista concedida ao autor, em 21/12/2005.

¹⁵ Hércules Corrêa. Entrevista concedida ao autor, em 21/12/2005.

¹⁶ REIS, Dinarco. *A luta de classes no Brasil e o PCB*. São Paulo, Novos Rumos, vol. 1, s/d, p. 89.

¹⁷ MALINA, Salomão. *O último secretário: a luta de Salomão Malina*. Organização: Francisco Inácio de Almeida, Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2002, p. 36. Vale mencionar que o militante comunista cometeu um anacronismo, pois em 1949 a China tinha uma população estimada em 500 milhões de pessoas.

¹⁸ *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1950, p. 03. Como esse, muitos artigos foram publicados nos jornais *Voz Operária* e *Imprensa Popular*.

pública, em 30 de setembro de 1948. Todavia, não sem luta, não sem a indignação e sem a manifestação de repúdio dos trabalhadores. A história do jovem líder sindical de apenas 25 anos foi marcada pela traição do seu governo para com ele e para com o seu país, já que a empresa era norte-americana. De acordo com o relato da imprensa, a multidão de trabalhadores se comprimiu nas portas da Corte assim que tomou conhecimento de que o líder sindical tinha sido sentenciado à morte. Imediatamente,

apelaram pela vida de Wang e recusaram-se a dispersar enquanto o pedido de relevação da pena não fosse atendido. Na manhã de 30 de setembro, a Corte anunciou aos impacientes manifestantes que o seu apelo estava sendo examinado e que a execução estava para ser adiada. Mas, traiçoeiramente, assim que os trabalhadores abandonaram o edifício da Corte, Wang foi executado por um pelotão de fuzilamento.¹⁹

9

Wang, que era empregado da Companhia de Energia Elétrica de Shangai,

foi preso em fins de abril e submetido à Corte Criminal Especial, sob a acusação de tentar destruir um gerador de força, pondo barras de aço na máquina. Na prisão foi torturado. A Corte tentou forçá-lo a confessar que era comunista e que havia feito sabotagem no gerador. Mas todos esses métodos desumanos não conseguiram quebrar seu ânimo. Wang permaneceu firme e inabalável.²⁰

Na manhã de seu julgamento, sorriu para os repórteres que assistiram ao julgamento e disse:

Estou satisfeito em ver vocês. Espero que levem o meu caso ao conhecimento de todo o mundo. Não sou comunista; sou um dos diretores do Sindicato da Indústria de Energia Elétrica, eleito por mais de 20.000 operários. O Kuomintang quer dominar o sindicato operário fazendo de mim um bode expiatório. Não tenho medo de morrer. O futuro e o povo chinês vingarão a minha morte.²¹

No caminho para o pátio da Corte, de acordo com *Voz Operária*, Wang bradou incessantemente: “Trabalhadores, uni-vos! A Corte Criminal Especial é uma organização para nos massacrar, uma organização para fabricar acusações falsas! É Fascista! Abaixo o Kuomintang! Viva o proletariado chinês! Viva o povo chinês!”²²

É possível perceber no artigo, através de uma leitura atenta, alguns chamamentos do *Manifesto de Agosto*. O apoio dos trabalhadores ao líder sindical assemelha-se aos apelos que o PCB fazia à população no intuito de apoiarem os representantes comunistas nos sindicatos. As características do governo chinês,

¹⁹ *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1950, p. 03.

²⁰ *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1950, p. 03.

²¹ *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1950, p. 03.

²² *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1950, p. 03.

apresentadas no texto, eram as mesmas denunciadas pelos comunistas sobre governo brasileiro: “ditador”, “fascista”, “repressor”, “traidor”. A dominação imperialista também se faz presente, assim como o *interdicto* comunista. Convém lembrar que os comunistas brasileiros, quando participavam das campanhas nacionalistas em defesa do petróleo e das campanhas em favor da paz,²³ também não diziam, em muitas vezes, que eram comunistas, nem que as campanhas eram organizadas por eles ou pela URSS. É preciso ressaltar que o exemplo de coragem, de determinação, de firmeza ideológica presentes no jovem Wang, era exatamente o que o PCB queria de seus militantes no cumprimento de suas tarefas. Além disso, e talvez o mais importante, lembrando Marx, era o pedido de união da classe trabalhadora, demonstrando que somente tal união poderia derrotar qualquer inimigo. Se os trabalhadores se mantivessem firmes em seus propósitos e não vacilassem, seriam capazes de derrotar seus governos de “traição nacional”.

No artigo de *Imprensa Popular*, em janeiro de 1951, intitulado “INDUSTRIAIS CHINESES VERBERAM A AGRESSÃO IANQUE”,²⁴ é possível notar que o processo de aliança de classes, tanto desejado pelos comunistas brasileiros, fora realizado na China durante a revolução. Conforme relatou o jornal, o empresariado chinês voltou-se contra os interesses dos Estados Unidos, “recusando a ser enganado e não crendo em suas ameaças, haveis tomado vosso lugar nas fileiras dos patriotas para resistir aos imperialistas americanos”.²⁵ Esse exemplo, segundo o artigo, motivava o povo chinês em sua luta contra os imperialistas e na manutenção da revolução vitoriosa. De acordo com o periódico, “patriotas, operários, camponeses, intelectuais,

²³ As campanhas em favor da paz são oriundas do “Movimento Pela Paz”. O movimento começou em agosto de 1948, quando se celebrou, na Polônia, o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz e, em novembro, na França, o Congresso Nacional dos “Combatentes da Paz”. Além deles, o “Congresso Mundial da Federação Democrática das Mulheres”, em Budapeste no outono do mesmo ano, e, muito particularmente, o primeiro “Congresso Mundial dos Partidários da Paz”, realizado em Paris e em Praga, de vinte a vinte e cinco de abril de 1949, contribuíram grandemente para a divulgação e propagação do “Movimento pela Paz” em todo o mundo. O “Movimento pela Paz” incluía diversas campanhas. A primeira – e a mais importante – foi a “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas”, de 1950. A partir daquele ano, apelos e protestos contra a OTAN, contra a Guerra da Coreia (1950-53), pelo desarmamento geral, contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia (1950-53), contra a guerra atômica (“Apelo de Viena”, 1955), por um pacto de paz entre as cinco grandes potências – Estados Unidos, União Soviética, China, Inglaterra e França (“Apelo de Berlin”, 1951) –, fizeram parte do “Movimento”. No Brasil, os militantes comunistas, sob a orientação do Partido Comunista do Brasil (PCB), organizaram e propagandearam as campanhas, objetivando mobilizar a sociedade em busca de assinaturas aos seus apelos pacifistas e obter respaldo social às suas ações. Sobre o “Movimento pela Paz” e a “Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas” ver RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Combatentes da Paz: os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2011.

²⁴ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1951, p. 02.

²⁵ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1951, p. 02.

comerciantes e industriais devem formar um bloco como um só homem contra a agressão imperialista americana”.²⁶

Com isso, torna-se possível verificar que um dos fatores que contribuíram para a vitória da Revolução Chinesa foi a ampla frente policlassista que, segundo a imprensa comunista, só havia sido possível graças à união dos comerciantes e industriais patriotas “com as amplas massas do povo em uma frente única mais sólida do que nunca contra a agressão imperialista”.²⁷ Tal fato, realizado com sucesso na China, devia ser seguido no Brasil. E a direção do PCB, através do *Manifesto de Agosto* e outros documentos, apontava a todos os brasileiros o caminho da Frente Democrática de Libertação Nacional. É possível dizer que a vitória do comunismo na China alimentou os sonhos dos comunistas brasileiros e deu fôlego ao PCB na sua nova tentativa de insurreição armada.

Em inúmeros jornais da imprensa comunista, podiam-se encontrar ainda artigos de correspondentes, relatos e notícias de jornais chineses e, até mesmo, traduções de discursos de Mao Tse Tung. O periódico *Democracia Popular*, de primeiro de dezembro de 1950, publicou o seguinte artigo: “A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E O POVO CHINÊS”,²⁸ assinado por Tchu Teh, membro do Bureau Político do Partido Comunista da China. O artigo saudava a União Soviética pelo 33º aniversário da Revolução de Outubro de 1917 e dizia:

O povo chinês armado com a teoria de Marx e Lênin e sob a direção deste Partido, dirigido pelo camarada Mao Tse Tung, alcançou o seu triunfo histórico.

A Revolução Socialista de Outubro exerceu profunda influência sobre o povo chinês. Durante 33 anos, o povo da União Soviética manifestou sempre sua ajuda fraternal ao povo chinês. [...] O povo chinês está certo de que sem a ajuda da União Soviética e de outros Estados, sem a solidariedade internacional anti-imperialista, a revolução da China não teria podido alcançar a vitória, nem consolidar sua conquista.²⁹

Por fim, o artigo concluía enfaticamente:

Viva a Grande Revolução Socialista de Outubro!
Viva o camarada Stalin, mestre dos povos do mundo!
Viva a grande solidariedade dos povos de todo o mundo em face do imperialismo!
Viva a indestrutível amizade e colaboração entre a China e a União Soviética!.³⁰

²⁶ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1951, p. 02.

²⁷ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1951, p. 02.

²⁸ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1950, p. 04.

²⁹ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1950, p. 04.

³⁰ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1950, p. 04.

Com isso, a imprensa comunista mostrava aos leitores brasileiros que o socialismo chinês ia de vento em popa. As transformações ocorridas na China com o advento da revolução continuavam em ascensão e só faziam o país se desenvolver, a economia ficar mais forte e as classes trabalhadoras mais felizes. Os periódicos comunistas brasileiros faziam sua parte. Diversos artigos eram publicados, exaltando o exemplo vitorioso do povo chinês, que cerrou fileiras em torno do Partido Comunista e concretizou a ampla frente de libertação nacional. Inúmeras personalidades eram estampadas nas páginas dos jornais e reproduzidas em alguns panfletos, destacando-se como exemplos a serem seguidos. Livros eram publicados, exaltando a trajetória dos revolucionários chineses, que, muitas vezes, saíram das aldeias camponesas e se destacaram na luta contra o imperialismo e pela libertação nacional.

Da China para o Brasil

As transformações ocorridas na China após a revolução foram intensamente exploradas pelos PCB. Através de panfletos, folhetos, debates internos e, sobretudo, de sua imprensa, os comunistas brasileiros procuravam mostrar a população do país que o melhor caminho para o Brasil deveria ser o mesmo trilhado pelo povo chinês: o da revolução armada. Com isso, a direção do partido esforçou-se em apresentar aos trabalhadores brasileiros como seria se fosse vitoriosa a revolução brasileira, que, naquele momento da história, era orientada pela linha política do *Manifesto de Agosto*.

Sob o título de “GOVÊRNO QUE O POVO QUER – É Assim Que Se Refere ao Governo De Mao Tse Tung o Primeiro-Ministro Canadense”,³¹ o jornal *Imprensa Popular* lançava a matéria de meia página. Segundo o periódico, o primeiro-ministro do Canadá, Sr. Louis Saint Laurant, havia declarado, em entrevista concedida à imprensa internacional, que ““chegaria o momento em que deveríamos nos mostrar realistas e considerar que o govêrno da República Popular da China é o próprio govêrno que a China deseja””.³² Logo depois, respondendo à pergunta de um repórter,

³¹ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 9 de março de 1954, p. 07.

³² *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 9 de março de 1954, p. 07.

o primeiro-ministro recordou que havia recolhido “essas informações de numerosas personalidades, inclusive sir Winston Churchill, Sr. Joseph Laniel e Sr. Nehru”.³³

Outro artigo, em letras garrafais, anunciava: “ELEVA-SE O NÍVEL DE VIDA NA CHINA”.³⁴ Depois de iniciar o artigo exaltando a URSS – no ano em que comemoraria os quarenta anos da revolução de 1917 – e a revolução de 1949, o triunfo do socialismo naquele país e o grande desenvolvimento da economia, o artigo revelava que houve um “aumento de 27 por cento no salário real dos operários”, que a construção de residências foi “superior a 60 milhões de metros quadrados de superfície” e que, por fim, subia “consideravelmente a renda dos camponeses”.³⁵

O próprio presidente Mao Tse Tung podia ser lido nas páginas da imprensa comunista. Ocupando meia página do jornal, em letras garrafais, *Democracia Popular* destacou: “REUNIÃO DA CONFERÊNCIA SUPREMA DE ESTADO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA – Discurso do Presidente Mao Tse Tung”.³⁶ Mesmo anos depois da implantação do *Manifesto de Agosto*, o exemplo vitorioso da Revolução Chinesa continuou sendo citado. Em 23 de janeiro de 1958, o presidente da China Socialista convocou a Conferência Suprema de Estado para discutir o programa de desenvolvimento da agricultura do país, durante os anos de 1956 e 1957. Nas palavras do líder chinês,

Atualmente, nosso país conhece um desenvolvimento da grande revolução socialista. A formação da República Popular da China marcou a passagem da revolução chinesa da etapa democrático-burguesa à etapa socialista, em outras palavras, a entrada do período de transição do capitalismo ao socialismo. Nos primeiros três anos dos seis decorridos após a proclamação da República Popular da China, nosso trabalho consistiu fundamentalmente em fortalecer a economia nacional e realizar diversas transformações sociais, em primeiro lugar a reforma agrária, que não foram terminadas na etapa precedente da revolução.³⁷

Não obstante, descrevendo os sucessos obtidos em diferentes setores da economia, os avanços na educação e na cultura, a melhoria das condições de vida dos trabalhadores urbanos e rurais, “a libertação das forças produtivas, a substituição da propriedade individual na agricultura e na indústria artesã pela propriedade coletiva socialista, a substituição da propriedade privada capitalista na indústria e no comércio

³³ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 9 de março de 1954, p. 07.

³⁴ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1957, p. 01.

³⁵ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1957, p. 01.

³⁶ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1958, p. 04.

³⁷ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1958, p. 04.

pela propriedade socialista”,³⁸ concluiu o dirigente máximo do governo chinês: “Desde o verão do ano passado, desenvolveram-se em uma escala de excepcional envergadura as transformações socialistas, ou seja, a revolução socialista. Dentro de três anos, aproximadamente, a revolução socialista estará terminada, no fundamental, em todo o país”.³⁹

Assim, é possível perceber que, conforme os relatos da imprensa comunista, a vida para os trabalhadores e para toda a população da China havia se tornado muito melhor. Os salários aumentaram, os preços baixaram, hospitais foram construídos, clubes possibilitavam o lazer para os trabalhadores, escolas eram criadas para acabar com o analfabetismo dos trabalhadores e para educar a mocidade, as mulheres eram valorizadas e tinham seu papel destacado na construção da nova sociedade, enfim, tudo o que os trabalhadores brasileiros e, quiçá, de todo o mundo, desejavam.

O horizonte apontado pelos chineses, um governo democrático e popular, inspirava os comunistas brasileiros na luta pela implementação das diretrizes do *Manifesto de Agosto*. Soma-se a isso, o fato de reivindicar, desde o início do processo revolucionário, a hegemonia do proletariado, tal qual ocorrera na China. Mesmo tendo as massas camponesas um papel crucial na direção do processo de transformações ocorrido no país, o Partido Comunista Chinês fazia questão de afirmar, pelo menos ao nível dos discursos, a hegemonia do proletariado. Segundo Reis Filho, desde o final dos anos 1930, o PCC foi desenhando o seu perfil maoísta da política de Frente Única. Para o historiador,

de Lênin recolhe a idéia da aliança com a burguesia nacional e a definição geral do caráter das transformações impostas por uma primeira etapa ‘democrático-burguesa’. A perspectiva da autonomia do Partido no seio de uma aliança policlassista talvez provenha igualmente de fonte leninista. De Stálin vem a defesa do Bloco das Quatro Classes. Mas a afirmação enfática em favor da hegemonia proletária (leia-se, de seu Partido de Vanguarda, ou melhor, no caso chinês, do Estado-Maior do Exército Popular de Libertação) aproxima o maoísmo de Roy [...].⁴⁰

Na verdade, continua Reis Filho, “o maoísmo se singulariza não só pela defesa da hegemonia proletária, mas também, e talvez, principalmente, pela forma que se realiza essa hegemonia: por meio de uma força armada própria, autônoma, controlada

³⁸ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1958, p. 04.

³⁹ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1958, p. 04.

⁴⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. *Op. cit.*, pp. 117-118. A diversidade de influências na doutrina maoísta vem de uma discussão antiga entre Lênin e o líder comunista indiano M. N. Roy, travada durante os debates do II Congresso da Internacional Comunista, realizado em Moscou, em julho de 1920.

pelos comunistas”.⁴¹ Nesse sentido, é que os comunistas brasileiros propuseram a criação do “Exército Popular de Libertação Nacional”.

E como isso seria possível? Segundo o *Manifesto de Agosto*,

através da luta diária, da ação e do trabalho pertinaz, que conseguiremos organizar o povo para essa grande batalha. É nessa luta diária, pelas reivindicações mais imediatas e sensíveis, sempre em íntima ligação com a luta pela paz e pela independência nacional, que se reforçará e ampliará no país inteiro a FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.⁴²

Assim era como os comunistas deveriam proceder para conquistar as classes trabalhadoras para o programa do *Manifesto*. Segundo Reis Filho, menos de um ano depois da vitória da revolução chinesa, em outubro de 1949, era possível detectar ressonâncias do acontecimento em propostas centrais do *Manifesto de Agosto*. “A defesa da revolução agrária e antiimperialista colocava para o povo brasileiro, como bandeiras centrais, os eixos da luta recém-vitoriosa do povo chinês: a questão da terra e a questão nacional”.⁴³ Desse modo, torna-se possível perceber o pensamento maoísta e o impacto causado pela vitória da revolução chinesa no seio do comunismo mundial, sobretudo para os países ditos “atrasados” e “semi-coloniais”.

A questão nacional revelou-se uma constante no programa do *Manifesto*. Para o PCB, o imperialismo norte-americano era o principal responsável pela condição de “atraso” do Brasil, bem como o grande incentivador de uma nova guerra mundial, que poderia levar o mundo a uma catástrofe, devido às armas nucleares. Para a direção do partido, o “imperialismo yanque” estava apenas preocupado com o lucro de suas empresas que, para isso, precisava continuar explorando o povo brasileiro. Nas palavras de Prestes, escritas no *Manifesto de Agosto*,

estamos em face de um governo de traição nacional que entrega a nação à exploração total dos grandes bancos, trustes e monopólios anglo-americanos, governo que constitui a maior humilhação até hoje imposta à nação, cujas tradições de altivez, de independência, de convivência pacífica com todos os povos são brutalmente negadas e substituídas pelo servilismo com que esse governo se submete à política totalitária e guerreira do Departamento de Estado norte-americano.

A dominação imperialista assume, dia a dia, em nossa terra, aspectos mais violentos e sombrios. Marchamos no caminho da escravidão colonial e da perda total de nossa soberania nacional.⁴⁴

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ REIS FILHO, Daniel Aarão. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. *Op. cit.*, p. 121.

⁴⁴ Luiz Carlos Prestes – Manifesto de Agosto. *Op. cit.*

Dessa maneira, com o governo brasileiro “servindo” aos interesses dos Estados Unidos, “traindo” a nação brasileira, só havia uma coisa a fazer: salvar o Brasil das garras do imperialismo norte-americano. Para conseguir cumprir tal objetivo, se fazia necessário criar a Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN) e o Exército Popular de Libertação Nacional (EPLN). Não se pode esquecer que essa também havia sido uma questão de suma importância para os revolucionários chineses. Segundo Reis Filho, “o maoísmo, na linhagem de Li Dazhao, é um comunismo nacional *par excellence*. Todas as suas formulações, desde o início, estão impregnadas pelo compromisso de ‘salvar a China’”.⁴⁵ É claro que isso não se apresenta como nenhuma novidade. Desde que fora criado, o PCB procurava, por intermédio de seus manifestos, panfletos e programas, passar a ideia de que o Brasil precisava ser salvo, ora dos fascistas, ora dos imperialistas – estes principalmente. Entretanto, no programa do *Manifesto de Agosto*, a questão nacional é acentuada, o que pode dar a ideia de ter sido assimilada com mais consistência devido ao impacto positivo da vitória do comunismo na China.

Em diversas passagens do *Manifesto de Agosto*, pode ser verificada a importância da questão nacional. Do mesmo modo, as questões da terra e da luta dos camponeses são mostradas como fundamentais para o sucesso do programa revolucionário, não deixando de exaltar a eterna aliança operário-camponesa. O ponto 4 do programa resume bem a questão:

PELA ENTREGA DA TERRA A QUEM A TRABALHA - Confiscação das grandes propriedades latifundiárias com todos os bens móveis e imóveis nelas existentes, sem indenização e imediata entrega gratuita da terra, máquinas, ferramentas, animais, veículos, etc., aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura. Abolição de todas as formas semi-feudais de exploração da terra, abolição da "meia", da "terça", etc. abolição do vale e obrigação de pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores. Imediata anulação de todas as dívidas dos camponeses para com o Estado, bancos, fazendeiros, comerciantes e usurários.⁴⁶

Com isso, os comunistas brasileiros apontavam o caminho para solucionar os problemas do Brasil: a revolução. Não obstante, a direção do PCB acreditava que aquela conjuntura histórica era favorável para as ações revolucionárias no campo. Durante a vigência da linha política do *Manifesto de Agosto*, a postura anterior dos comunistas fora criticada, devido à insuficiência de atividades e de mobilizações dos

⁴⁵ REIS FILHO, Daniel Aarão. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. *Op. cit.*, p. 120.

⁴⁶ Luiz Carlos Prestes – Manifesto de Agosto. *Op. cit.*

trabalhadores rurais. Contudo, havia chegado a hora de mobilizá-los, não apenas porque eram os legítimos aliados do proletariado, como pregado nos cânones do marxismo, mas também porque acreditavam que a revolução poderia eclodir primeiro no campo e depois se alastrar para as cidades. Nesse sentido, a direção do PCB acentuou suas investidas na organização dos trabalhadores rurais e na mobilização dos camponeses, apoiando suas lutas e visando trazê-los para o seu lado e, tentando ao máximo, fazer a revolução brasileira sair de conflitos rurais existentes na década de 1950.

Ao PCB cabia, então, incentivar os conflitos sociais rurais e mobilizar a sociedade para a luta armada revolucionária. Aos moradores do campo, de acordo com a linha política do *Manifesto de Agosto*, caberia a tarefa de serem a centelha da revolução brasileira. O partido, com isso, seguiu adiante em sua nobre tarefa. Todavia, as polícias políticas estavam atentas ao crescimento das atividades do PCB nos meios rurais do Brasil. De acordo com o Boletim Reservado nº 54, o agente repressor revela:

Como se sabe, de uns tempos para cá, de acordo com instruções emanadas do extinto PCB, os militantes vermelhos de vários Estados, notadamente de São Paulo, Baía e Pernambuco, tudo vem fazendo no sentido de provocar, também, entre os trabalhadores do campo, focos de agitação, concitando-os a reivindicar as mais diversas pretensões, que incluem, desde o aumento de salários, até, mesmo, a ocupação de terras latifundiárias por parte do camponês, conforme se verifica atualmente na baía. [...] Insuflados por comunistas, os referidos trabalhadores, como vem, por sinal, sucedendo em alguns pontos do nosso País, oferecem resistência aos policiais que procuram desalojá-los, recusando-se, pela força, a abandonar as terras ocupadas.⁴⁷

O agente infiltrado D., em relatório enviado a Cecil Borer, confirmou que o “setor importante também é o setor do campo”.⁴⁸ Segundo o agente,

os camponeses se encontram completamente controlados e dominados pelos comunistas. Há pouco menos de um ano tivemos exemplos de movimentos no norte do Paraná, Triângulo Mineiro, interior de Goiás e Baía. [...] Não tenhamos dúvidas da preparação do exército de libertação popular, cujo grosso será formado por camponeses. Ele se processa gradativamente, pacientemente e tecnicamente. Meu contacto com um investigador da ordem política de Minas e que conhece bastante a zona do Triângulo, fez aumentar

⁴⁷ Arquivo Nacional. MJNI/Segurança Nacional – Série Justiça/Gabinete do Ministro. Seção de Segurança Nacional. Boletim reservado nº 54, 23 de março de 1950. Este é um dos inúmeros documentos referentes às ações dos comunistas nas áreas rurais do país que podem ser encontrados no Arquivo Nacional. Também são inúmeros os documentos encontrados no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

⁴⁸ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI). Dossiê DPS 30130, ano de 1952.

em mim a convicção da existência dessa preparação e cujos principais elementos se encontram nas fronteiras de Goiaz, Minas e imediações.⁴⁹

Mesmo sendo um exagero dizer que os comunistas controlavam “completamente” os camponeses, o agente demonstrava que as atividades comunistas nas áreas rurais do país haviam aumentado significativamente.

Com o objetivo de “desencadear as lutas no campo”, os dirigentes comunistas estavam pondo em prática o seu plano de ação, tentando “convencer aos trabalhadores da gleba da excelente oportunidade que se lhes enseja com a época das colheitas para imporem suas pretensões, fazendo valer o que se acha preconizado no referido Manifesto”.⁵⁰

A imprensa não comunista também fazia referência às ações dos militantes do PCB no interior do país. Diversos artigos eram divulgados mostrando os “planos subversivos” dos “vermelhos” junto aos “incautos e sofridos” homens do campo. O jornal *Gazeta de Notícias*, em abril de 1950, lançou o seguinte artigo: “Aplicada, em Minas, pelos comunistas, a ‘reforma agrária’...”.⁵¹ Segundo os relatos da imprensa, os comunistas

resolveram aplicar, em Canalópolis, localidade do Triângulo, a tese da ‘reforma agrária’ preconizada pelos arautos de Moscou.[...] Existem, ali, várias fazendas de propriedade dos norte-americanos que ali estão radicados. Entre elas a do Sr. Charles Eric Young, é a de melhor situação, dada ao seu dinamismo de homem realizador.⁵²

Depois de exaltar o empreendedorismo do referido cidadão norte-americano, o artigo descrevia as ações dos comunistas, dizendo que

agitando o problema junto aos agricultores os líderes comunistas levantaram a tese de ocupação da fazenda por elementos brasileiros, o que foi feito dias atrás.

Depois de manietarem o fazendeiro e ocupar, militarmente, com homens armados, todos os pontos da propriedade, foi feita, solenemente, a posse da ‘Triangulo’ a elementos brasileiros.⁵³

⁴⁹ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI). Dossiê DPS 30130, ano de 1952.

⁵⁰ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI). Dossiê DPS 30223, Boletim Reservado nº 106, 14 de junho de 1951.

⁵¹ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950, p. 01.

⁵² *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950, p. 01.

⁵³ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950, p. 01.

Contudo, conforme enfatizou o periódico, graças à ação da polícia, “o êxito do programa comunista foi prejudicado, em parte”.⁵⁴ Em parte porque a polícia conseguiu prender os cabeças do movimento, mas

um comando comunista, no entanto, agiu rapidamente manietando a guarda e soltando os presos. Diante do escândalo, o Secretário de Justiça mandou que a polícia desse início a uma caçada geral no sentido de prender os perigosos elementos que, em pleno regime burguês capitalista, querem aplicar com o ‘pé no chão’ – como diria Prestes – uma tese revolucionária.⁵⁵

Em Recife, o jornal *Diário do Povo* relatava a intensa atividade do partido naquela capital. Para a imprensa, Recife havia se tornado um “verdadeiro quartel-general comunista”.⁵⁶ De acordo com o artigo, foram vistos “proeminentes líderes vermelhos, entre os quais os ex-deputados Alcedo Coutinho e Gregório Bezerra. As paredes e muros locais estão pixados com dizeres de propaganda vermelha”.⁵⁷

Com isso, pode-se perceber que os comunistas lutavam para implementar as resoluções do *Manifesto de Agosto*. Lutavam para conseguir formar a Frente Democrática de Libertação Nacional e, sobretudo, no que diz respeito ao campo, libertar o camponês da “exploração secular” e dar o primeiro passo no caminho da revolução brasileira.

Considerações finais

A partir de meados década de 1940, mas, sobretudo, na década de 1950, o nacionalismo passou a fazer parte do cotidiano político brasileiro. O tema da exploração do petróleo e todo o debate sobre as questões concernentes ao subsolo brasileiro entram nas discussões políticas e sociais e tornam-se manchetes em diversos jornais do país. A luta pela paz ganhou destaque a partir do final da Segunda Grande Guerra, mas, principalmente, no decorrer da Guerra da Coreia (1950-1953). Todavia, pode-se dizer que, durante todo o período da Guerra Fria, o tema nunca foi esquecido ou abandonado. Quanto à questão agrária, o assunto esteve presente em vários discursos políticos do período. Todavia, não da maneira como o PCB o defendia. A conjuntura histórica do

⁵⁴ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950, p. 01.

⁵⁵ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950, p. 01.

⁵⁶ *Diário do Povo*. Rio de Janeiro, 7 de março de 1950, p. 01.

⁵⁷ *Diário do Povo*. Rio de Janeiro, 7 de março de 1950, p. 01.

período, na qual o PCB estava inserido, possibilitou o debate sobre os temas encontrados no programa de luta armada do partido. Contudo, cada partido, cada grupo social interpretava-os de sua maneira e fazia de sua defesa – ou do seu ataque – suas bandeiras de luta.

Para os dirigentes do PCB, o imperialismo e o latifúndio eram os principais responsáveis pelo atraso do desenvolvimento do país e, por conseguinte, pela miséria da grande maioria da população brasileira. Segundo Luiz Carlos Prestes, era devido a estes dois principais motivos que o país não conseguia sair da condição de “dependência” do imperialismo “anglo-americano”. Em suas palavras,

desta forma, agravam-se todas as causas da miséria e do atraso em que se debate o nosso povo e que estão fundamentalmente na estrutura arcaica de nossa economia, na miséria da renda nacional, nos restos feudais e no monopólio da terra que impedem a ampliação no mercado interno e o desenvolvimento da indústria nacional.⁵⁸

Nesse sentido, pedia aos trabalhadores do campo que lutassem pelo programa do partido, pois ele era, segundo o dirigente comunista, o que melhor representava os seus interesses. Conclamando os trabalhadores à luta, Prestes dizia:

Lutai pelos vossos interesses econômicos, por maiores salários, pelo pagamento do salário em dinheiro e quinzenalmente, contra o vale e os preços extorsivos do armazém ou barracão. Lutai pela completa liberdade de organização e de locomoção dentro do latifúndio, contra a expulsão da terra, pelo direito de prorrogação de todos os contratos, por uma menor taxa de arrendamento, pela liberdade para a venda no mercado de toda a produção. Lutai contra a guerra imperialista, em defesa da paz e pela posse da terra; por um governo democrático popular que vos ajude a tomar a terra dos latifundiários e a distribuí-la sem indenização entre os trabalhadores do campo.⁵⁹

Desse modo, eram, principalmente, os “restos feudais” de nossa economia, ligados ao monopólio da terra pelos latifundiários, e o imperialismo que entravavam o pleno desenvolvimento do Brasil.

O Partido Comunista do Brasil levou à sociedade brasileira o seu programa de ação. Naquele período de sua história, a luta armada se mostrava como o único meio eficaz de solucionar os problemas do país. A questão da terra, a questão nacional e a luta pela paz⁶⁰ foram suas principais bandeiras. O partido, constantemente pressionado pelos setores mais conservadores, viveu um longo período de clandestinidade. Posto na

⁵⁸ Luiz Carlos Prestes – Manifesto de Agosto. Op. cit.

⁵⁹ Luiz Carlos Prestes – Manifesto de Agosto. Op. cit.

⁶⁰ Ver RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os combatentes da paz*. Op. cit.

ilegalidade, o número de membros e de simpatizantes do PCB decresceu acentuadamente, embora o partido tivesse conservado forte influência nos meios intelectuais e sindicais e conseguido manter legalmente seus jornais e publicações, apesar de sujeitos a periódicas investidas da repressão policial e a fechamentos temporários. Era a partir de seus meios de comunicação, sobretudo de sua imprensa, que o partido conseguia divulgar seus manifestos, documentos, ideias, ideologias e programas de ação. Dessa forma, o partido informou sobre o processo revolucionário chinês e procurou direcionar a sociedade brasileira no caminho da revolução, demonstrando que a melhor maneira de libertar o país do imperialismo – e, por conseguinte, levá-lo ao desenvolvimento, à democracia, à paz e, sobretudo, libertar as classes trabalhadoras da exploração dos patrões – seria a de realizar uma ampla frente policlassista que, naquele momento, fizesse a revolução sair do campo. Além disso, a sua imprensa contribuía para auxiliar a militância de base na compreensão, na orientação e na elaboração das *tarefas* partidárias.

A partir da vitória da Revolução Chinesa, em 1949, o PCB apostou, com mais intensidade, na possibilidade de fazer a chamada “revolução brasileira” sair do interior do país. É possível perceber que, verdadeiramente, os comunistas brasileiros estavam investindo suas ações revolucionárias com maior frequência no campo, principalmente quando comparado à primeira tentativa revolucionária, em 1935. As ações do PCB junto aos camponeses e aos trabalhadores rurais brasileiros, em 1935, são menores que as da década de 1950. O partido, durante o *Manifesto de Agosto*, atuou com mais intensidade, acreditando na possibilidade de concretização da aliança operário-camponesa, e que, com isso, ele, vanguarda do proletariado, finalmente, pudesse conduzir a sociedade brasileira rumo à tão aguardada revolução. Nesse sentido, o campo foi, naquele período, o *locus* e o foco da prática revolucionária.

Referências Bibliográficas

BETHELL, Leslie e ROXBOROUGH, Ian. (Org.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Paz e Terra, 1996.

CARONE, Edgar. *O P. C. B.* São Paulo, Difel, 1982, vol. 2.

- CORRÊA, Hércules. *Memórias de um stalinista*. Rio de Janeiro, Opera Nostra, 1994.
- DELMAS, Claude. *Armamentos nucleares e Guerra Fria*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1979.
- DIAS, Eduardo. *Um imigrante e a revolução*. Memórias de um militante operário. 1934-1951. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- FENELON, Dea R. *A Guerra Fria*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiro do mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- MALINA, Salomão. *O último secretário: a luta de Salomão Malina*. Organização: Francisco Inácio de Almeida, Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2002.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1998.
- MARTINS, Eloy. *Um depoimento político – 55 anos de PCB*. Gráfica Palotti, Rio Grande do Sul, 1989.
- MAZZEO Antônio Carlos e LAGOVA, Maria Isabel (orgs.). *Corações Vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo, Cortez, 2003.
- MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros. História e memória do PCB*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro. Os comunistas no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. In: REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (orgs.) *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 1, 2002.
- _____. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. In: REIS FILHO, Daniel Aarão e

- RIDENTI, Marcelo (orgs.) *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 5, 2002.
- RIBEIRO, Jayme Lúcio Fernandes. *Guerra e Paz: a trajetória dos comunistas brasileiros nos anos 1950*. 306 f. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- _____. *Combatentes da Paz: os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2011.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (org.). *HGCB. O Brasil Republicano - Sociedade Política (1930-1964)*, vol. III, São Paulo, Difel, 1983.
- SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Editorial Boitempo, 2001.
- SEGATTO, José Antônio. *Reforma e Revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.
- PRESTES, Luiz Carlos. *Problemas atuais da democracia*. Rio de Janeiro, Ed. Vitória, 1948.
- REIS, Dinarco. *A luta de classes no Brasil e o PCB*. São Paulo, Novos Rumos, vol. 1, s/d.
- STRATHERN, Paul. *Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SILVA, Fernando Teixeira da. *A carga e a culpa. Os operários das docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade, 1937-1968*. São Paulo: HUCITEC; Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1995.
- THOMPSON, E. P. (org.). *Exterminismo e Guerra Fria*. Editora São Paulo, Brasiliense, 1985.
- TUNG, Mao Tse. *Sobre a prática e sobre a contradição*. São Paulo, Expressão Popular, 1999.
- _____. *Obras escolhidas*. 4 v. Rio de Janeiro, Editorial Vitória Limitada, 1961.
- _____. *O livro vermelho*. São Paulo, Editora Martin Claret, Coleção A Obra-Prima de Cada Autor, 2002.
- VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo, Hucitec, 1982.

